

ARTIGO

# Notas para uma etnografia do uso de canabinoides sintéticos (K9, K2, K12 ou Spice) na Cracolândia

Notes for an ethnography of the use of synthetic cannabinoids (K9, K2, K12 or Spice) in Cracolândia

Ygor Diego Delgado Alves<sup>I</sup>, Pedro Paulo Gomes Pereira<sup>II</sup>

## Resumo

A Cracolândia paulistana vem sendo, há 12 anos, objeto de pesquisas de cunho etnográfico. Os estudos empreendidos até agora nos levam a entender esse local como uma territorialidade itinerante, onde se consome crack e, mais recentemente, canabinoides sintéticos. O artigo traz nosso esforço inicial em acessar a bibliografia disponível sobre o assunto e buscar traçar questões que norteiem pesquisas de cunho etnográfico sobre o tema. Concluímos que a introdução das chamadas drogas K pode contribuir para desestabilizar ainda mais a cena de uso de crack.

**Palavras-chave:** canabinoides sintéticos; Cracolândia; drogas k.

## Abstract

Cracolândia in São Paulo has been the subject of ethnographic research for 12 years. The studies carried out so far lead us to understand this place as an itinerant territoriality, where crack and more recently synthetic cannabinoids are consumed. The article presents our initial effort to access the available bibliography on the subject and seek to outline questions that guide ethnographic research on the subject. We conclude that the introduction of so-called K drugs may contribute to further destabilizing the crack use scene.

**Keywords:** synthetic cannabinoids; Cracolândia; k drugs.

## Introdução

No presente artigo, dissertamos sobre a pesquisa bibliográfica que empreendemos a respeito dos canabinoides sintéticos (CSs) e de sua presença na Cracolândia. Decidimos iniciar a pesquisa da presença dessas substâncias em um local que traz no nome sua relação com o consumo do crack devido ao recente apelo midiático que o fato incitou; e aos possíveis riscos que podem advir da introdução dessa nova droga em ambiente tão problemático. Também nos motivou a escrever o artigo o fato de não haver qualquer estudo acadêmico sobre a presença, tão anunciada na mídia, dos CSs na Cracolândia.

Após expor as informações que pudemos colher da literatura existente, em consulta às plataformas PubMed, Scielo, Google Academics e à mídia não especializada, iremos debater brevemente, com base em

Alves<sup>1</sup>, as possíveis consequências da introdução dos CSs na Cracolândia, com o objetivo de traçar breves questões para futuras pesquisas de cunho etnográfico.

## O que são drogas K e o que sabemos de sua presença na Cracolândia

### A cannabis sintética

Os canabinoides sintéticos são considerados novas substâncias psicoativas que têm por propriedade se ligarem e ativarem ao menos um receptor canabinoide, com maior potência que a principal substância psicoativa da Cannabis Sativa L, o tetrahydrocannabinol (THC)<sup>2</sup>. Os CSs são moléculas sintetizadas em laboratório, que passaram a ser também utilizadas como drogas de abuso; não são a única categoria de compostos canabinoides; existem ainda os fitocanabinoides, encontrados na planta Cannabis, e os endocanabinoides, que estão envolvidos em vários processos fisiológicos.

<sup>I</sup> Ygor Diego Delgado Alves (antropologiaygor@yahoo.com.br) é pesquisador na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, Brasil.

<sup>II</sup> Pedro Paulo Gomes Pereira (pedro.paulo@unifesp.br) é professor titular na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, Brasil.

Devido à falta de legislação, os CSs ficaram conhecidos como “drogas legais” e sofreram um aumento em seu consumo, enquanto o da Cannabis permanecia proibido. Os CSs foram inicialmente produzidos na tentativa de minimizar os efeitos psicotrópicos da Cannabis e isolar sua ação terapêutica, mas acabaram por fazer surgir uma nova classe de drogas de abuso<sup>3</sup>.

Na última década, o aumento de drogas sintéticas – como os canabinoides sintéticos – trouxe o problema do uso de substâncias sintetizadas à tona como uma prioridade de saúde pública nos Estados Unidos<sup>4</sup>. Muitos CSs são legais, facilmente acessíveis e de baixo custo nesse país<sup>5</sup>, onde são pulverizados em produtos como incenso e comercializados como “uma droga legal”<sup>6,7</sup>, de difícil regulamentação porque os fabricantes criam produtos com ingredientes diferentes. Os CSs são comumente vendidos nos Estados Unidos como produtos da marca “Spice”, misturas de ervas e incenso<sup>8</sup>. Um aumento nas ligações para os centros nacionais de controle de envenenamento, para relatar incidentes de toxicidade e efeitos adversos dos CSs, em 2009, intensificou as preocupações com seu uso naquele país<sup>9</sup>.

Ao surgirem no mercado das drogas em meados dos anos 2000, os CSs eram vendidos sob uma variedade de nomes, como “K2” e Spice, e promovidos como misturas de ervas para fumar. Porém, apesar de serem semelhantes à cannabis em termos farmacológicos, os CSs são substâncias muito potentes e seu uso pode trazer graves consequências, até potencialmente letais<sup>10,11</sup>.

Devido não apenas ao seu uso crescente, mas também à sua toxicidade imprevisível e potencial de abuso, os CSs estão se tornando um grande problema de saúde pública nos Estados Unidos. As diferentes estruturas químicas dos CSs encontradas em amostras de Spice ou K2 podem interagir de maneiras imprevisíveis e os produtos comerciais podem ter contaminantes desconhecidos<sup>12</sup>.

Podemos dizer que o termo Spice é geralmente usado para descrever os diversos tipos de misturas de ervas que englobam CSs no mercado estadunidense<sup>13</sup>. Os efeitos dos CSs podem ser sentidos em dez

minutos e costumam durar entre duas a seis horas<sup>13</sup>. Seus efeitos psicoativos agudos incluem mudanças no humor, percepção, pensamento, memória e atenção; as consequências adversas incluem ansiedade, agitação, pânico, disforia, psicose e comportamento bizarro<sup>14</sup>.

As morbidades agudas relacionadas ao coração, particularmente a taquicardia, estão entre os efeitos mais comuns experimentados pelos usuários de CSs, que procuram atendimento nos departamentos de emergência nos Estados Unidos<sup>15</sup>. Outros sintomas clínicos incluem delírios, ataques de pânico e psicose<sup>16,17</sup>. Psicose, delírio e agitação estão entre os sinais psiquiátricos mais relatados de toxicidade dos CSs<sup>15</sup>. O potencial para complicações mais graves, como insuficiência renal e respiratória aguda, também foi relatado, mesmo em pacientes saudáveis<sup>17,18</sup>.

Chamadas para o centro de controle de envenenamento no estado de Illinois identificaram 155 casos de indivíduos com complicações graves após o uso de CSs contaminados<sup>15,19,7</sup>. Desses casos, quatro (4) indivíduos morreram de hemorragia grave, 147 indivíduos foram hospitalizados e oito (8) indivíduos necessitaram de atendimento no pronto-socorro<sup>15</sup>.

O Sistema de Alerta Prévio da União Europeia relatou, em 2014, a existência de 134 tipos diferentes de CSs. Essas drogas são vendidas na Europa principalmente on-line, como uma alternativa às substâncias psicoativas controladas e regulamentadas. Eles parecem ter um ciclo de vida de cerca de 1-2 anos antes de serem substituídos por uma próxima onda de produtos<sup>11</sup>. Na Inglaterra, quando as “drogas legais” apareceram pela primeira vez, elas estavam associadas a um nicho demográfico de classe média – “psiconautas” e usuários experimentais interessados em buscar a diversidade de drogas recreativas.

Em poucos anos, o perfil dos usuários mudou e as populações com maior probabilidade de se envolverem no uso de CSs são aquelas com o estigma de jovens adultos socialmente vulneráveis, o que sugere que Spice não é mais uma substância com característica de uso recreativo pela classe média<sup>20</sup>.

Hardon<sup>21</sup>, em etnografia realizada entre jovens indonésios que consomem CSs, verificou que seu uso

deriva da necessidade de evitar serem pegos com a planta da Cannabis, o que pode trazer sérias consequências legais naquele país. Como os CSs são muitas vezes misturados com outros produtos químicos, que variam de opioides a veneno de rato, seus efeitos se tornam imprevisíveis. Ainda para Hardon<sup>21</sup>, seus interlocutores na Indonésia se voltaram para substitutos da maconha natural por conta de sua proibição, e concluiu que a Guerra às Drogas na Indonésia alimentou o uso de CSs. Embora as autoridades antidrogas do país tenham recentemente identificado 25 compostos sintéticos de cannabis e os tornado ilegais, Hardon<sup>21</sup> acredita que haverá uma alta demanda e oferta contínua de novos tipos de CSs que, dadas as redes informais pelas quais os produtos são distribuídos, serão de difícil controle pelas autoridades.

O Reino Unido, ao introduzir sua Lei de Substâncias Psicoativas, em 2016, criminalizou a produção, fornecimento e oferta de qualquer substância que possa ser usada por seus efeitos psicoativos. Enquanto uma revisão da Lei pelo Ministério do Interior, em 2018, proclamou que a Lei foi bem-sucedida em atingir seu objetivo principal de impedir a venda aberta de substâncias psicoativas, sua revisão reconheceu que altos níveis de uso de CSs permanecem entre grupos de usuários vulneráveis, em especial a população em situação de rua. À introdução da Lei se seguiram mudanças no mercado de CSs e aumento do risco de danos aos usuários em situação de rua, o que resultou em um aumento concomitante da demanda por serviços de emergência<sup>22</sup>.

As associações dos CSs com o cânhamo botânico e a cannabis fizeram parte de um marketing de produtos que influenciou o aumento da segurança percebida sobre essas substâncias<sup>23</sup>. Para Bone et al.<sup>24</sup>, porém, que procuraram detectar e identificar outras novas substâncias psicoativas com semelhanças estruturais ou funcionais com o  $\Delta^9$ -THC através de uma lente interdisciplinar, mesmo essas associações não são isentas de riscos; e a necessidade do devido cuidado por parte dos consumidores e reguladores é crucial para navegar nesse fenômeno em desenvolvimento.

Uma pesquisa que contou com entrevistas qualitativas e observação por seis meses de moradores em situação de rua na cidade de Manchester, Inglaterra, verificou que, apesar da introdução de legislação destinada a restringir a oferta da Cannabis Sintética (CS), esta continua popular e amplamente disponível entre a população em situação de rua<sup>25</sup>.

Além disso, foi possível demonstrar que, em linha com estudos anteriores sobre uso de substâncias e falta de moradia, as motivações para o uso de CSs são amplamente semelhantes àquelas associadas a outras substâncias como maconha, heroína e crack, ou seja, escapar da realidade e proporcionar alívio das condições físicas de um estilo de vida baseado na rua.

No entanto, quando comparados às outras substâncias de abuso presentes nas ruas, a combinação do baixo custo da CS, a facilidade de acesso, sua alta potência e sua indetectabilidade (tanto em locais públicos quanto em acomodações temporárias) explicam seu apelo particular para a população sem-teto economicamente desfavorecida.

Níveis aumentados de estigma público foram associados ao uso de CSs<sup>26</sup>. Mais recentemente, na Inglaterra, o uso se concentrou em grupos como pessoas sem sono, prisioneiros e jovens vulneráveis<sup>20,25</sup>. As pessoas que usam CS tornaram-se altamente estigmatizadas, com o surgimento de termos pejorativos como Spice Zombies, o que é reforçado por algumas reportagens da mídia<sup>27,28</sup>.

### A cannabis sintética na Cracolândia

Os estudos publicados no País sobre os CSs, disponíveis nas bases de dados Pubmed, Portal Periódicos CAPES, SCIELO (Scientific Electronic Library Online) e Google Scholar compreendem pesquisas bibliográficas, algumas delas revisões<sup>3,29,30,31,32</sup>, e também pesquisas laboratoriais<sup>33,34</sup>.

Esses trabalhos tratam de temas sobre a presença de CSs nos produtos tipo Spice e incensos herbais<sup>3</sup>; as possibilidades de uso clínico dos CSs<sup>29</sup>; seu potencial uso terapêutico no tratamento da dor;<sup>31</sup> sua eficácia no controle da dor em animais;<sup>32</sup> sua detecção em amostras apreendidas pela polícia<sup>33,34</sup>; e avaliação

de seus riscos à saúde<sup>34</sup>. Não identificamos trabalhos acadêmicos sobre o uso de CSs na Cracolândia, porém, existe farto material midiático sobre o assunto.

Encontramos matérias jornalísticas sobre a presença de usuários da CS na Cracolândia desde o mês de outubro de 2022. Um programa da série televisiva *Profissão Repórter*, exibido na primeira terça-feira de outubro, mostrou matéria produzida após acompanharem por 20 dias alguns jovens, incluindo menores de idade, que estariam consumindo uma substância por eles denominada K2, K9 ou Spice, entre outras designações. A chamada para a reportagem no site G1 traz um pouco da tônica do que foi exibido: “É o crack do futuro, você fuma e fica viciado”, diz jovem sobre nova droga sintética<sup>35</sup>. O consumo da substância também seria responsável pela mudança no comportamento dos usuários, que passariam a roubar e até matar por causa da nova droga.

A mesma substância é apresentada, quatro dias depois, em *Balanço Geral Manhã*<sup>36</sup>, como uma “Nova droga sintética”, a K2; seu consumo teria crescido e levado a autoridade policial entrevistada a ficar sem ação. Os efeitos provocados estariam, tal qual o crack, transformando as pessoas em zumbis<sup>1,37</sup>; e trazem uma novidade em relação à droga que deu nome à Cracolândia: o “Piripaque do Chaves”, como também passou a ser inicialmente conhecida a K2.

Um mês após a reportagem inaugural sobre a CS na Cracolândia, o jornalista Alfredo Henrique<sup>38</sup> publica matéria na *Folha de São Paulo*, em que fala da dificuldade das autoridades policiais em identificar o novo “canabinoide desenvolvido em laboratórios clandestinos”, que estaria sendo comercializado como se fosse maconha.

A história contada pela mídia sobre a CS na Cracolândia continua no ano de 2023, com a notícia de que a facção criminosa conhecida como PCC teria proibido o comércio da droga na região<sup>39</sup>. Se tal proibição houve, pouco durou e, ao final do mês de março, foi noticiado que haveria uma rota de “novas drogas sintéticas k”<sup>40</sup> da zona leste da cidade de São Paulo até a Cracolândia. Em mais um sinal de que o PCC não havia desistido de comercializar a CS, aparece nessa matéria que a organização chamaria as drogas K de “Spice”.

A mesma reportagem ainda traz relatos de usuários que afirmam desejar continuar consumindo a droga, apesar dos efeitos deletérios narrados – taquicardia, sensação de corpo pesado, perda de controle sobre braços e pernas, perda da capacidade de se locomover, e um efeito de euforia que dura apenas 10 minutos. Os depoimentos também trazem informações sobre a rapidez com que o hábito de consumir CS se espalhou pela cidade, chegando a provocar filas nos pontos de comercialização, as chamadas biqueiras, até alta madrugada.

O mês de abril de 2023 traz na mídia a notícia de que o “número de casos suspeitos de intoxicação”<sup>41</sup> por CSs teria explodido em São Paulo: 216 casos desde o início do ano, ante os 98 em todo 2022. Outro sinal do aumento da presença da CS nas ruas diz respeito às declarações de Alexandre Learth Soares, diretor do Núcleo de Exames de Entorpecentes do Instituto de Criminalística – Superintendência da Polícia Técnico-Científica do Estado, ao G1. Segundo o especialista, “Há 5 anos, 95% das apreensões recebidas eram de maconha e cocaína. Agora, os sintéticos que eram 5%, passaram a representar 15%”<sup>42</sup>.

Ao final do mês de maio, a revista *IstoÉ* denuncia a existência de um surto das drogas K na Cracolândia<sup>43</sup>. A CS é descrita por usuários da droga entrevistados como: viciante, barata e violenta. Sandra Lacerda<sup>44</sup>, no portal R7, informa que as drogas K estariam se espalhando na Cracolândia com o nome de “supermaconha”. A cidade de São Paulo teria, para Brito<sup>45</sup>, sido atingida em cheio pela “maconha sintética”, que provocaria certo “efeito zumbi” em que as pessoas, geralmente vistas na Cracolândia, pareceriam estar em “transe”; muito embora se saiba que a droga circula por outras regiões, principalmente a zona leste paulistana.

O aparente aumento no consumo do CS na cidade fez com que o governo estadual apostasse na identificação dos usuários e do tipo exato de substância utilizada por meio da análise de amostras de fios de cabelo<sup>46</sup>. As pessoas seriam identificadas após encaminhamento ao Hub de Cuidados em Crack e Outras Drogas, equipamento estadual localizado próximo à Cracolândia, e que, em abril de 2023, substituiu o

antigo Centro de Referência de Atendimento a Tabaco, Álcool e Outras Drogas (Cratod).

Desde o início de suas atividades, “71,5% dos que passaram pelo novo centro consomem crack e 15,1% canabinoides sintéticos, mais conhecidos como K9, K2, K12 ou Spice. Do total, 61,2% estavam em situação de rua”<sup>47</sup>. A prefeitura, por seu lado, firmou parceria com o governo federal e o Centro de Informação e Assistência Toxicológica, ligado à Unicamp (Ciatox) para identificar os casos suspeitos de uso da CS<sup>48</sup>. Até o momento da elaboração desse projeto de pesquisa, a cidade de São Paulo havia registrado 464 casos suspeitos de intoxicação por CSs.

### **Como apreender o fenômeno e o que esperar da introdução das drogas K na Cracolândia**

Como não existem trabalhos publicados sob uma abordagem sociocultural do uso dos CSs no País, como há para o consumo do crack, ficamos sem informações de cunho acadêmico sobre: 1) os propósitos atuais de uso dessas substâncias; 2) a parafernália de uso e as técnicas de consumo, pois, aparentemente, os CSs, tal qual o crack, estão sendo preferencialmente fumados, mas podem ser também ingeridos ou inalados; 3) os efeitos sob diferentes quantidades consumidas e em períodos de consumo distintos; 4) descrição e análise do *binge* de CSs nas ruas do centro de São Paulo; 5) como se dá a intercalação entre o consumo do crack e dos CSs nesse ambiente; 6) os rituais, regras e normas existentes em torno do uso dos CSs em comparação com os do crack; 7) se há alguma intenção por parte do tráfico em conter ou propagar seu consumo na Cracolândia; 8) quais os locais preferenciais e quais os ambientes evitados pelos usuários; 9) o que se faz após usar a droga; 10) onde, como, quando, em que quantidade e por qual valor os CSs são adquiridos; 11) como os consumidores lidam com os efeitos adversos, como se previnem ou não desses efeitos; 12) por que pessoas iniciam e mantêm ou não o uso dos CSs; 13) se o porte dessas substância é considerado mais ou menos arriscado frente à ação da polícia; 14) se o uso é preferencialmente coletivo, no interior do fluxo, ou em local afastado; 15) se há

substituição do consumo do crack pelo dos CSs; 16) como a nova substância alterou ou não a antiga cena aberta de uso de crack da Cracolândia; 17) como a cena de uso, o fluxo, influencia ou não os efeitos da droga; 18) quais seriam os rituais, símbolos e sanções sociais que viriam a constranger o consumo dos CSs a padrões aceitáveis pelos pares, na Cracolândia; 19) por fim, as diferenças entre homens e mulheres relacionadas ao consumo dos CSs naquele território, quanto a riscos à segurança, estigma, comportamento após o consumo, entre outros. São elementos para guiar uma pesquisa de cunho etnográfico que se faz necessária pela ausência de conhecimento acadêmico sobre o assunto.

Em Alves<sup>1</sup>, vimos como o crack é consumido nas ruas e calçadas da Cracolândia, em uma cena aberta de uso, onde o álcool tem presença ostensiva. A introdução das drogas K se daria em um ambiente com décadas de história, com certo estilo de vida de tipo comunitário, em que pessoas sujeitas ao *binge* de crack e à necessidade constante de busca por fundos para aquisição da droga se veem agora com uma nova possibilidade de obtenção da “brisa”<sup>1</sup>.

A presença constante do tráfico, impondo ali sua disciplina, é o elemento que costuma estabilizar a cena de uso, por meio da imposição de sua “disciplina”<sup>1</sup>. A desestabilização da cena fica por conta das incursões violentas por parte das polícias civil, militar e da Guarda Civil Metropolitana. São elementos que não têm capacidade de impedir o comércio ou consumo de substâncias ilícitas na Cracolândia, mas conseguem promover movimentos de expansão e retração da cena.

A introdução dos CSs, pelos efeitos advindos de seu consumo, descritos na literatura, pode contribuir para dificultar ainda mais a estabilização da cena de uso, o trabalho das equipes de agentes sociais, de saúde e redutores de danos.

### **Referências**

1. Alves YDD. Jamais fomos zumbis: contexto social e craqueiros na cidade de São Paulo [internet]. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia; 2017. <https://doi.org/10.7476/9788523218591>

2. Costa AJA. Synthetic Cannabinoids in the regulation of neuronal differentiation [internet]. [dissertação]. Porto: Faculdade de Farmácia, Universidade do Porto. 2018 [acesso em 10 fev 2024]. <https://repositorio-aberto.up.pt/bits-tream/10216/117291/2/301923.pdf>
3. Alves AO, Spaniol B, Linden R. Synthetic cannabinoids: emerging drugs of abuse. *Archives of Clinical Psychiatry* [internet] 2012; 39:142-48. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832012000400005>
4. Weinstein AM, Rosca P, Fattore L, London ED. Synthetic cathinone, and cannabinoid designer drugs pose a major risk for public health. *Frontiers in Psychiatry* 2017; 8:156. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2017.00156>
5. Dea - Drug Enforcement Administration. Drugs of abuse: A DEA resource guide [internet]. 2017 [acesso em 5 dez 2023]. [https://www.dea.gov/pr/multimedialibrary/publications/drug\\_of\\_abuse.pdf#page=88](https://www.dea.gov/pr/multimedialibrary/publications/drug_of_abuse.pdf#page=88)
6. Bush DM, Woodwell DA. Update: Drug-related emergency department visits involving synthetic cannabinoids. *Substance Abuse and Mental Health Services Administration (SAMHSA) Drug Abuse Warning Network (DAWN)* [internet]. 2014 [acesso em 16 jan 2024]. Disponível em: <https://www.samhsa.gov/data/sites/default/files/SR-1378/SR-1378.pdf>.
7. Yeruva RR, Mekala HM, Sidhu M, Lippmann S. Synthetic Cannabinoids-Spice can induce a psychosis: A brief review. *Innovations in Clinical Neuroscience* [internet] 2019 [acesso em 10 jan 2024];16(1-2):31-2. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6450675/>
8. Vandrey R, Dunn KE, Fry JA, Girling ER. A survey study to characterize use of Spice products (synthetic cannabinoids). *Drug and Alcohol Dependence* [internet] 2012; 120(1-3):238-41. Doi:10.1016/j.drugalcdep.2011.07.011
9. Gunderson EW. Synthetic cannabinoids: A new Frontier of designer drugs. *Annals of Internal Medicine* [internet]. 2013 [acesso em 10 fev 2024];159(8):563-64. Doi:10.7326/0003-4819-159-8-201310150-00707. Disponível em: <http://annals.org/aim/article-abstract/1748859/synthetic-cannabinoids-new-frontier-designer-drugs>
10. Santos AMN. Análise toxicológica de canabinoides sintéticos em contexto forense [internet] [tese]. Porto: Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Fernando Pessoa;2018 [acesso em 19 fev 2024]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10284/7097>
11. Karila L, Billieux J, Benyamina A, Lançon C, Cottencin O. The effects and risks associated to mephedrone and methylone in humans: A review of the preliminary evidences. *Brain Res. Bull* [internet]. 2016;126:61-7. Doi: 10.1016/j.brainresbull.2016.03.005
12. Mills B, Yepes A, Nugent K. Synthetic cannabinoids. *The American journal of the medical sciences* [internet]. 2015;350(1):59-62. Doi: 10.1097/MAJ.0000000000000466
13. Weaver MF, Hopper JA, Gunderson EW. Designer drugs 2015: Assessment and management. *Addiction Science & Clinical Practice* [internet] 2015;10(1):8-9. Doi:10.1186/s13722-015-0024-7
14. Spaderna M, Addy P, D'Souza DC. Spicing things up: synthetic cannabinoids. *Psychopharmacology* [internet]2013; 228:525-40. Doi:10.1007/s00213-013-3188-4
15. Alipour A, Patel PB, Shabbir Z, Gabrielson S. Review of the many faces of synthetic cannabinoid toxicities. *The Mental Health Clinician* [internet] 2019;9(2):93-9. Doi:10.9740/mhc.2019.03.093
16. Gunderson EW, Haughey HM, Ait-Daoud N, Joshi AS, Hart CL. A survey of synthetic cannabinoid consumption by current cannabis users. *Substance Abuse* [internet]. 2014;35(2):184-9. Doi:10.1080/08897077.2013.846288
17. Müller HH, Kornhuber J, Sperling W. The behavioral profile of spice and synthetic cannabinoids in humans. *Brain Research Bulletin* [internet]. 2016; 126(Pt 1):3-7. Doi:10.1016/j.brainresbull.2015.10.013
18. Zarifi C, Vyas S. Spice-y kidney failure: A case report and systematic review of acute kidney injury attributable to the use of synthetic cannabis. *The Permanente Journal* [internet]. 2017; 21:160. Doi:10.7812/TPP/16-160
19. Moritz E, Austin C, Wahl M, Deslauriers C, Navon L, Walblay K, Hendrickson M, Phillips A, Kerins J, Pennington AF, Lavery AM, El Zahran T, Kauerauf J, Yip L, Thomas J, Layden J. Notes from the field: Outbreak of severe illness linked to the vitamin K antagonist brodifacoum and use of synthetic cannabinoids. *MM-WR. Morbidity and Mortality Weekly Report* 2018;67(21):6078. <https://doi.org/10.15585/mmwr.mm6721a4>
20. Blackman S, Bradley R. From niche to stigma – Headshops to prison: Exploring the rise and fall of synthetic cannabinoid use among young adults. *International Journal of Drug Policy* 2017; 40:70-7. <https://doi.org/10.1016/j.drugpo.2016.10.015>
21. Hardon A. Chemical Breath. In: Hardon A. *Chemical Youth. Critical Studies in Risk and Uncertainty*. Palgrave Macmillan, Cham. 2021 [https://doi.org/10.1007/978-3-030-57081-1\\_3](https://doi.org/10.1007/978-3-030-57081-1_3)
22. Ralphs R, Gray P, Sutcliffe OB. The impact of the 2016 Psychoactive Substances Act on synthetic cannabinoid use within the homeless population: Markets, content and user harms. *International Journal of Drug Policy* 2021; 97:103-305. <https://doi.org/10.1016/j.drugpo.2021.103305>
23. Kruger JS, Kruger DJ. Delta-8-THC: Delta-9-THC's nicer younger sibling? *Journal of Cannabis Research* 2022; 4(1). <https://doi.org/10.1186/s42238-021-00115-8>

24. Bone C, Munger K, Klein C, Strongin R. New Kinds of [Hash]tags: An Interdisciplinary Examination of Semi-Synthetic Cannabinoids *Journal of Student Research* 2022;11(2). <https://doi.org/10.47611/jsr.v11i2.1751>
25. Gray P, Ralphs R, Williams L. The use of synthetic cannabinoid receptor agonists (SCRAs) within the homeless population: motivations, harms and the implications for developing an appropriate response. *Addiction Research & Theory* 2021;29(1):1-10. <https://doi.org/10.1080/16066359.2020.1730820>
26. Cohen K, Weinstein AM. Synthetic and non-synthetic cannabinoid drugs and their adverse effects-a review from public health prospective. *Frontiers in Public Health* 2018; 6:162 <https://doi.org/10.3389/fpubh.2018.00162>
27. Atkinson AM, Sumnall HR. Neo-liberal discourse of substance use in the UK reality TV show, the Jeremy Kyle Show. *Drugs: Education, Prevention and Policy* 2020a; 27(1):15-26. <https://doi.org/10.1080/09687637.2018.1498456>
28. Swalve N, Defoster R. Framing the danger of designer drugs: Mass media, bath salts, and the “Miami Zombie Attack. *Contemporary Drug Problems* 2016;43(2):103-21. <https://doi.org/10.1177/0091450916642515>
29. Bonfá L, Vinagre RCO, Figueiredo NV de. Uso de canabinoides na dor crônica e em cuidados paliativos. *Revista Brasileira de Anestesiologia* 2008; 58:267-79. <https://doi.org/10.1590/S0034-70942008000300010>
30. Brucki SMD, Adoni T, Almeida CMO, Andrade DC de, Anghinah R, Barbosa LM, Bazan R, Carvalho AA de S, Carvalho W, Christo PP, Coletta MD, Conforto AB, Correa-Neto Y, Engelhardt E, França Júnior MC, Franco C, Von Glehn F, Gomes HR, Houly CG de B, Kaup AO, Kowacs F, Kana Shiro A, Lopes VG, Maia D, Manreza M, Martinez ARM, Nader SN, Neves L de O, Okamoto IH, Oliveira RAA de, Peixoto F de M, Pereira CB, Saba RA, Sampaio LP de B, Schilling LP, Silva ER, Smid J, Soares CN, Sobreira-Neto M, Sousa, NA de C, Souza LC de, Teive HAG, Terra VC, Vale M, Vieira VMG, Zanoteli E, Prado G. Cannabinoids in Neurology – Position paper from Scientific Departments from Brazilian Academy of Neurology. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria* 2021;79(4):354-369. <https://doi.org/10.1590/0004-282X-ANP-2020-0432>
31. Lessa MA, Cavalcanti IL, Figueiredo NV. Derivados canabinoides e o tratamento farmacológico da dor. *Revista dor* [internet]. 2016;17: 47-51. Doi:10.5935/1806-0013.20160012
32. Lima DA, Silva LG da, Fernandes AL, De Lima MPA. Utilização de canabinoides na analgesia em medicina veterinária. *Sinapse Múltipla* [internet]. 2021 [acesso em 10 fev 2024];10(2) 373-375. <http://periodicos.pucminas.br/index.php/sinapsemultipla/article/view/27910>
33. Ponce JC, Neves Júnior LF, Mariúba GCB, Franco MF. Detecção de canabinoide sintético na ausência de padrão utilizando técnicas espectroscópicas e espectrométricas: um relato de caso. *Revista SUSP (Brasília)* [internet]. 2021 [acesso em 23 fev 2024];1(1):39-50. Disponível em: <https://dspace.mj.gov.br/handle/1/5321>
34. Castro JS. Inteligência forense aplicada a lei de drogas e ao estudo de novas substâncias psicoativas [internet] [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo. 2019. Doi:doi.org/10.11606/D.59.2019.tde-07082019-142838
35. Profissão Repórter. É o crack do futuro, você fuma e fica viciado, diz jovem sobre nova droga sintética. G1 [internet]. 2022 [acesso em 10 fev 2024]. Disponível em: <https://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2022/10/06/e-o-crack-do-futuro-voce-fuma-e-fica-viciado-diz-jovem-sobre-nova-droga-sintetica.ghtml>
36. Balanço Geral Manhã. Nova droga sintética invade centro de SP e provoca estragos. R7 [internet]. 2022 [acesso em 10 abr 2024]. Disponível em: <https://recordtv.r7.com/balanco-geral-manha/videos/nova-droga-sintetica-invade-centro-de-sp-e-provoca-estragos-07102022>
37. Bard ND, Antunes B, Roos CM, Olschowsky A, Pinho LB de. Stigma and prejudice: the experience of crack users. *Revista Latino-Americana de Enfermagem* [internet]. 2016;24. Doi:10.1590/1518-8345.0852.2680
38. Henrique A. Canabinoide encontrado nas ruas e cadeias de SP é visto como incógnita. Folha de S. Paulo [internet]. 2022 [acesso em 20 dez 2023]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/11/canabinoide-encontrado-nas-ruas-e-cadeias-de-sp-e-visto-como-incognita.shtml>
39. Dias PE. Polícia prende 11 suspeitos de tráfico e diz que PCC proibiu nova droga na cracolândia. Folha de S. Paulo [internet]. 2023 [acesso em 10 fev 2024]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/02/policia-de-sp-prende-11-suspeitos-de-traffic-na-cracolandia.shtml>
40. Castelo Branco C. Da zona leste à cracolândia: a rota das novas drogas sintéticas K em SP. Uol [internet]. 2023 [acesso em 10 jan 2024]. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2023/03/29/da-zona-leste-ao-centro-a-rota-do-traffic-de-drogas-sinteticas-k-em-sp.htm>
41. Casos de intoxicação por K9 dobram em São Paulo em 2023. Uol [internet]. 2023 [acesso em 10 mar 2024]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/04/2023-ja-tem-o-dobro-de-casos-de-intoxicacao-por-k9-do-que-todo-o-ano-passado.shtml>
42. Castelo Branco C, Gabira G, Santos W. Há 5 anos, 95% das apreensões recebidas eram de maconha e cocaína. Agora, os sintéticos que eram 5%, passaram a representar 15%. G1 [internet]. 2023 [acesso em 10 jan 2024]. Disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/04/27/k2-k4-k9-drogas-sinteticas-saem-das-sombras-tomam-as-ruas-de-sao-paulo-e-governos-resolvem-falar-pessoas-estao-sumindo.ghtml>

43. O inferno das drogas as sintéticas. IstoÉ [internet]. 2023 [acesso em 10 set 2023]. Disponível em: <https://istoe.com.br/o-inferno-das-drog-as-sinteticas/>

44. Lacerda S. Droga zumbi: entenda por que a K9 é conhecida como supermaconha. R7 [internet]. 2023 [acesso em 23 nov 2023]. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/droga-zumbi-entenda-por-que-a-k9-e-conhecida-como-supermaconha-06052023>

45. Brito D. Zona Leste lidera em casos de intoxicação por K9. Orbi [internet]. 2023 [acesso em 10 set 2023]. <https://orbi.band.uol.com.br/sao-paulo/zona-leste-lidera-em-casos-de-intoxicacao-por-k9-veja-bairros-6444>

46. Bimbati AP. Coleta de cabelo de usuários é aposta de SP contra K9: ação é questionada. Uol [internet]. 2023 [acesso em 10 jan 2024]. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/noticias/2023/06/21/sp-sistema-identificar-k9-tratamento.htm>

47. Seto G. Governo Tarcísio vai expandir comunidades terapêuticas para viciados em drogas. Folha de S. Paulo [internet]. 2023 [acesso em 10 jan 2024]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painel/2023/06/governo-tarcisio-vai-expandir-comunidades-terapeuticas-para-viciados-em-drogas.shtml>

48. Zylberkan M. Prefeitura de SP investiga três mortes suspeitas por uso de droga K9. Folha de S. Paulo [internet]. 2023 [acesso em 10 jan 2024]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/amp/cotidiano/2023/07/prefeitura-de-sp-investiga-tres-mortes-suspeitas-por-uso-de-droga-k9.shtml>